

# NEM RESPEITAR, NEM VALORIZAR, NEM ADEQUAR AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

Valdir Heitor Barzotto<sup>1</sup>

*Resumo: Este trabalho insere-se na discussão que tem procurado, nos últimos anos, estabelecer relações entre as variedades lingüísticas e o ensino da Língua Portuguesa. Neste debate, são identificadas três vertentes que procuram dizer qual seria a melhor atitude a se tomar frente às variedades praticadas por estudantes de ensino fundamental e médio. Após uma breve reflexão sobre estas vertentes é feita uma outra proposta sobre o trabalho em sala.*

*Palavras chaves: variedades lingüísticas, ensino de língua, pesquisa.*

*ABSTRACT: This work is part of a discussion which has aimed to establish relations between the linguistic varieties and the teaching of the Portuguese language in the last years. In this debate three aspects that try to unveil which would be the best attitude to be chosen concerning the varieties practiced by elementary school and high school students are identified. After a short reflection about these aspects, another proposal about the classroom work is made.*

*KEY WORDS: linguistic varieties, language teaching, research.*

O debate sobre as variedades lingüísticas da Língua Portuguesa e sua relação com o trabalho em sala da aula, empreendido nos últimos vinte anos, trouxe para as conversas cotidianas entre aqueles que se dedicam à pesquisa e ao ensino, bem como para sua produção escrita, pelo menos três verbos: *respeitar*, *valorizar* e *adequar*. Estes verbos são usados para propor atitudes consideradas corretas a serem adotadas frente às variedades praticadas pelos alunos do ensino fundamental e médio.

A partir da observação dos usos destes verbos nas falas cotidianas ou em textos acadêmicos pode-se perceber que praticamente configuram-se três vertentes, ou três variações de uma postura bastante semelhante. Vou apresentar a seguir minha reflexão sobre estas vertentes com ênfase nas implicações das direções argumentativas indicadas pelos verbos *respeitar*, *valorizar* e *adequar*.

Três são os objetivos que tenho perseguido ao refletir sobre este tema em aulas e palestras, e agora no presente texto:

1 - contribuir para o debate, fazendo inclusive uma outra proposta, sobre a relação entre as variedades lingüísticas e o ensino de Língua Portuguesa;

2 - chamar a atenção para a instauração de um senso comum imobilizante, oriundo das áreas dos diversos campos do conhecimento, como tenho feito em outros trabalhos; e,

3 - indicar que, em decorrência disso,

freqüentemente pesquisas sobre o ensino de Língua Portuguesa, reponsabilizam os professores, entre outras coisas, por suas atitudes frente às variedades dos alunos, devido a aplicação apressada e pouco refletida de postulados que se tornaram senso comum no interior dos campos do conhecimento em que foram produzidos.

Justifica-se, a meu ver, chamar a atenção para a necessidade de se analisar o problema da discriminação pela linguagem de um modo menos obediente às vertentes em circulação, porque o papel da pesquisa acadêmica não se limita apenas ao de aplicar as formulações já consolidadas aos fatos cotidianos, mas também de passar elas mesmas e seus pressupostos pelo crivo de considerações críticas.

Quando se trata de estudar a sala de aula de Língua Portuguesa, as formulações feitas no interior das vertentes consideradas aqui, como em tantas outras, têm sido mais uma vez usadas de modo a culpabilizar professores por suas atitudes frente às variedades dos alunos, como se estas atitudes fossem individuais e voluntárias e não se sustentassem também no conhecimento a que tiveram acesso em sua formação.

Começemos então pelo verbo *respeitar*, presente numa afirmação bastante corrente o *professor deve respeitar a variedade do aluno*.

Se até o início da década de 80 era possível falar tranquilamente em *respeitar* a variedade do aluno, hoje este verbo causa um certo



estranhamento. Depois da Constituição, de 1988, *Título I – Dos princípios Fundamentais, Art. 3º. Parágrafo IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*, é preciso fazer soar óbvia a necessidade de respeitar o outro. É também possível inferir a garantia de respeito no *Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais*, tornando-se obsoleta a apelação para que se respeite alguém. Afinal, ninguém pode alegar ignorância da lei.

Além disso, depois de tanto debate sobre a necessidade e a importância de o Brasil assumir sua diversidade lingüística e cultural, já se pode tratar casos de desrespeito, que envolvam aspectos culturais, na delegacia mais próxima.

Assim, a insistência em reafirmar o dever de respeitar, mais parece uma aceitação pacífica da existência de desrespeito do que uma resistência ativa. Insisto, portanto, na necessidade de fazer torna-se óbvio o respeito.

Como meu interesse imediato recai sobre as manifestações cotidianas, das quais se podem depreender alguns posicionamentos sobre o que seria a melhor atitude frente às variedades lingüísticas, tomando os verbos relacionados às atitudes consideradas corretas em relação a elas, é pertinente consultar o dicionário Aurélio<sup>2</sup> para verificar os significados tidos como correntes na língua e suas implicações.

Vejamos os significados registrados neste dicionário para o verbo *respeitar*:

1. *tratar com reverência ou acatamento: venerar, honrar.* 2. *Ter medo de; temer, recear.* 3. *Tomar em consideração; ter em conta; atender a; considerar.* 4. *Seguir as determinações de; cumprir, observar, acatar.* 5. *Não causar dano a; poupar.* 6. *Fazer justiça a; dar apreço a; reconhecer.* 7. *suportar; aturar, admitir, tolerar.* 8. *Dizer respeito; referir-se, concernir, tocar.* 9. *Estar na direção; estar voltado; apontar.* 10. *Fazer-se respeitado; impor-se ao respeito de outrem; dar-se ao respeito.*

Para tornar óbvia a necessidade de respeito e não incorrer em hierarquizações sociais entre falantes, basta tomar a primeira possibilidade de significação expressa em 5, *Não causar dano a*.

O uso do verbo *respeitar* associado à variedade lingüística sem um exercício de estabelecimento de um contorno mais bem definido de seu significado pode resultar na criação de

uma ilusão de que todos os ouvintes ou leitores sabem em que acepção o termo está sendo tomado. Isso pode tornar o campo de significação bastante fluido e permitir a manutenção da discriminação de falantes. Tome-se como exemplo *suportar* e *aturar*, expressos em 7.

Geralmente as propostas de ensino calcadas na vertente que se sustenta no verbo *respeitar*, não fazem mais do que isso, *suportar, aturar* ou *tolerar*, já que atualmente tornou-se imperativa a idéia de tolerância, mas esclarecendo sempre que a variedade do falante é boa para o contexto restrito de seu grupo e não para a sociedade como um todo.

Outro verbo bastante usado, e que parece indicar outra vertente do pensamento sobre as variedades lingüísticas é *valorizar*, que, como o anterior, pressupõe hierarquia entre os falantes, como procuraremos demonstrar em seguida.

No dicionário Aurélio constam os seguintes significados para o verbo *valorizar*:

1. Dar valor ou valores a. 2. Aumentar o valor ou o préstimo de. 3. Aumentar o valor.

A utilização deste verbo manifesta a exigência de uma postura que permita ao seu usuário o reconhecimento de que algo tem pouco ou nenhum valor. O sujeito de *valorizar* coloca-se então numa posição tal que lhe permita *dar* ou *aumentar* o valor da variedade em questão. Ora, a existência desta postura, por si só, já implica numa desvalorização da variedade. A explicação de que é a sociedade que não valoriza e por isso pessoas conscientes teriam de fazê-lo, além de frágil, não resolve o problema.

É importante verificar que quem se propõe a valorizar, precisa assumir uma posição de onde possa fazê-lo, reconhecendo, em primeiro lugar uma falta de valor na variedade praticada pelo outro e elevando esse valor apoiando-se em sua capacidade de reconhecer essa falta, conferida pela imagem que faz de si. Isso é indicador de uma discriminação. Portanto, propor-se a valorizar a variedade lingüística praticada por outro falante exige reconhecer que a variedade do outro está desprovida de algum valor. Aquele que se a valorizar pode fazê-lo a partir do lugar eleito para si e para a sua variedade, necessariamente de maior valor.

Exigir que outro valorize, como se faz em recomendações para o ensino, é ainda duplamente

discriminatório, pois se coloca em lugar de maior prestígio, tanto com relação a uma variedade julga carecer de valorização, quanto com relação àquele que supostamente não sabe que tal variedade precisa ser valorizada. Implica reconhecer o pouco valor da variedade de um e da atitude de outro perante ela.

O terceiro verbo sobre o qual interessa falar aqui é *adequar*, que tem no dicionário Aurélio as seguintes indicações:

1. Tornar próprio, conveniente, oportuno; apropriar, adaptar. 2. Amoldar, acomodar, ajustar, apropriar. 3. Adaptar-se, amoldar-se; acomodar-se, ajustar-se.

Quem estudou lingüística provavelmente já ouviu a frase comumente usada para exemplificar a idéia de adequação: *é tão inadequado ir à igreja de biquíni quanto ir à praia de terno*.

Propor que as variedades lingüísticas sejam adequadas aos ambientes ou às situações de uso implica assumir também que o falante não deveria expandir a área de sua utilização além dos limites de circulação do seu grupo social. As propostas centradas na vertente que se apóia no verbo *adequar* também fazem o falante “conscientizar-se” de que o seu falar é bom para uso junto ao seu grupo, mas não para junto aos grupos diferentes do seu. O problema é que geralmente o grupo de referência, tomado como diferente do grupo do falante, é aquele composto por integrantes com mais tempo de escolarização e supostamente falante da variedade de prestígio.

Aquele que se propõe a ensinar o uso adequado da variedade também se coloca em um lugar tal de onde possa reconhecer a inadequação do outro e, deste lugar, reforça a idéia de inadequação no falante que não usa a variedade de prestígio.

O verbo *adequar*, como os outros, é questionável também pelo fato de propor um cerceamento sobre o uso de variedades que não gozem de prestígio na sociedade.

O trabalho pedagógico que se faz a partir desta vertente geralmente faz o movimento de partir da variedade de menor prestígio em direção à de maior prestígio. É aquele que é julgado inadequado que vai ser convocado a adequar-se, o que pode ser bastante discriminatório se tomarmos situações como as que usamos como exemplo a seguir.

Se alguém, com bom poder aquisitivo e um

elevado nível de escolaridade, usar a frase *dê-me três cafés* em um “buteco”, as conseqüências, se forem negativas, não vão além de ele ser considerado arrogante ou esnobe. No entanto, se alguém, de baixo poder aquisitivo e com pouca escolaridade, escrever numa carta, ou mesmo falar em uma entrevista, *Aí chapa, ruma um trampo pra mim aí*, pode acontecer algo mais grave com ele como não conseguir melhorar seu poder aquisitivo com o salário do emprego pretendido. De acordo com a vertente da adequação, ambos estariam inadequados, mas as conseqüências serão mais pesadas sobre o segundo.

Portanto, as três vertentes pressupõem que alguém se posicione em um lugar de melhor prestígio, tanto em relação às variedades, como em relação aos seus praticantes. Assim, elas não conseguem propor um deslocamento efetivo das posições discriminatórias.

Seja como for, é fundamental reconhecer os méritos das vertentes discutidas acima, entre os quais está a própria instauração do debate sobre as variedades lingüísticas e as diferentes atitudes que se pode tomar frente a elas, bem como o surgimento de trabalhos com o ensino de Língua Portuguesa bastante produtivos no que concerne à consideração das variedades em sala de aula.

Do mesmo modo que correram riscos aqueles que propuseram as atitudes frente às variedades lingüísticas calcadas nos verbos *respeitar*, *valorizar* e *adequar*, também eu tenho assumido meus riscos, expondo o que penso ser uma boa postura. Basicamente minha postura tem sido a que apresento a seguir.

Em minhas aulas de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, em cursos de formação continuada de professores e em outras oportunidades de manifestação pública sobre o tema, tenho defendido que se constitua uma vertente calcada no verbo *incorporar*.

Um trabalho em sala de aula, a partir desta postura, propiciaria um espaço de trabalho com as variedades praticadas pelos alunos, de modo que se pudesse explorar sua produtividade na comunicação diária, na consideração das identidades dos grupos sociais e na produção artística, tais como em letras de músicas, dramaturgia e outras manifestações literárias.

Tal proposta comporta uma discussão sobre o necessário rigor para trabalhar com qualquer variedade lingüística, afastando-se da equivocada afirmação de senso comum de que a *Lingüística*

aceita tudo e exigindo um bom conhecimento da Língua Portuguesa, entendida como sendo composta por um conjunto de variedades e não se confundindo com uma delas que goza de maior prestígio. Comporta também propostas de atividades específicas para desenvolvimento em sala de aula em que o aluno seja convocado a produzir lançando mão das variedades que conhecem.

Por exemplo, para tomar algo bastante corriqueiro, pode-se solicitar ao aluno a construção de uma narrativa em que os personagens sejam falantes de variedades diferentes. Isso vai exigir dele, e de seu professor, bastante cuidado com a pertinência do texto, pois uma personagem que usa uma forma do tipo “cumé qui nós faiz” dificilmente passaria a dizer “como é que nós fazemos”, minutos depois, a não ser que o texto desse explicações bastante convincentes para que tal oscilação ocorresse.

Vejamos então o que é que o dicionário Aurélio registra como significados para o verbo *incorporar*:

1. dar forma corpórea a. 2. Admitir ou receber em corporação. 3. Reunir (diversas companhias mercantis) em uma só. 4. Juntar num só corpo; dar unidade a; reunir; 5. Realizar (o dono, o compromissário ou o titular de opção de venda de um terreno) contrato para construção de (edifício de apartamentos, lojas, etc.), em condomínio, começando logo a vender, em prestações, as futuras unidades. 6. Unir, reunir, juntar, em um só corpo ou um só todo. 7. Introduzir, embeber, imbuir. 8. Tomar corpo, encorpar, crescer. 9. tomar forma corpórea; materializar-se. 10 Entrar a fazer parte; ingressar. 11. reunir-se, juntar-se, congrega-se.

Em defesa de uma prática calcada no verbo *incorporar*, destaco e comento alguns dos significados presentes no dicionário que parecem bastante apropriados para o tipo de trabalho e de compreensão da língua que gostaria de ver efetivado.

Para que não se trabalhe apenas com fragmentos da língua portuguesa, fazendo uma única variedade tomar o lugar da língua, contribui bastante a idéia de *corpo* presente no verbo *incorporar* e indicado em 1. *dar forma corpórea a*. Este significado pode auxiliar a pensar metaforicamente em *corpo* da língua, composto por todas as suas variedades.

Por sua vez, o significado presente em 2. *Admitir ou receber em corporação*. permite que

se amenize os efeitos discriminatórios, pois os verbos *admitir* e *receber* parecem não comportar traços de significado ligados à falta de valor. Em se tratando de sala de aula, com estes verbos pode-se reconhecer que as variedades geralmente não são admitidas ou incorporadas como componente dos conteúdos de Língua Portuguesa ou como componente do que se considera Língua, geralmente reduzida a uma só variedade.

Admitindo-se ou recebendo-se as variedades na sala de aula, sem hierarquização ou valorização, respeita-se melhor a Constituição, pois evitam-se os danos causados por julgamentos negativos como o de atribuição de uma falta de valor ou de inadequação.

Tanto 3. *Reunir (diversas companhias mercantis) em uma só*. como 4. *Juntar num só corpo; dar unidade a; reunir*; ou 6. *Unir, reunir, juntar, em um só corpo ou um só todo*. corroboram a idéia de *corpo*, permitem pensar que a unidade da Língua Portuguesa é garantida pelas suas variedades.

Para concluir, como mais forte argumento em favor de uma vertente calcada no verbo *incorporar* apresento o exemplo dado no dicionário para os significados expostos em 7. *Introduzir, embeber, imbuir: Odor di femina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-la em si próprio*. (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 7)

## BIBLIOGRAFIAS

Machado de Assis, J. M. *Várias Histórias*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s.d.

FERREIRA, A. B. DE H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira, 1986.

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutor em Lingüística pela UNICAMP, professor de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa na Faculdade de Educação – USP. Professor dos Programa de Pós-graduação em Educação da FE/USP e em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara.

<sup>2</sup> Por não apresentar interesse imediato ao tema tratado neste trabalho, citarei apenas os significados, deixando de lado todas as outras indicações típicas de dicionários, inclusive os exemplos, com exceção de um.

Aceito para publicação em 08/07/2004

